

ESTUDO COMPARATIVO DE CONDIÇÕES DE ORELHA MÉDIA EM CRIANÇAS PORTADORAS DA SÍNDROME DE DOWN: VERÃO X INVERNO

MELLO, Jaqueline Medeiros

OLIVEIRA, Ana Paula de Jesus

Discentes do Curso de Fonoaudiologia das Faculdades Integradas de Maringá - Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá - Cesumar

GHIRELLO-PIRES, Carla Salati Almeida (Orientador)

JUNQUEIRA, Cássia Menin Cabrini (Orientador)

Docentes do Curso de Fonoaudiologia das Faculdades Integradas de Maringá - Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá - Cesumar

Crianças portadoras da Síndrome de Down possuem maior predisposição à apresentarem problemas de orelha média, devido à tendência de infecções no trato respiratório superior. Em estudo realizado anteriormente por durante os meses de verão, constatou-se incidência de (66%) de condições patológicas de orelha média, mesmo em uma época do ano em que a ocorrência é menor. 1) Realizar um estudo comparativo entre a incidência de otite média nos meses de verão e inverno. 2) Orientar pais e profissionais quanto à importância de um trabalho de monitoramento de patologias de orelha média. Das 30 crianças (60 orelhas) foram avaliadas 19 crianças (38 orelhas) portadoras da Síndrome de Down, com idade variando entre 1 a 15 anos. Inicialmente, foram enviados ofícios aos pais informando-os sobre a reavaliação imitanciométrica nos meses de inverno. Em seguida realizou-se inspeção do meato acústico externo e medidas imitanciométricas. Com base nos dados obtidos nas duas avaliações foram elaboradas orientações à pais e profissionais, a fim de esclarecer sobre as conseqüências decorrentes de problemas de orelha média. No exame timpanométrico, realizado com 19 crianças (38 orelhas) 46% das orelhas (18 orelhas) indicaram timpanogramas do tipo A, 32% das orelhas (12 orelhas) timpanogramas do tipo B e 22% das orelhas (8 orelhas) timpanogramas do tipo C. Na inspeção do meato acústico externo das orelhas avaliadas, 15% das orelhas demonstraram rolha de cera parcial e/ou total. Não foi possível o registro do reflexo do músculo do estapédio, devido à presença dos artefatos. É válido ressaltar que não foi possível avaliar as 11 crianças (22 orelhas) restantes da amostra anterior pois 7 crianças (14 orelhas - 64%) encontravam-se hospitalizadas, devido à infecções de vias aéreas superiores e 4 crianças (8 orelhas - 36%) não compareceram à reavaliação por motivos desconhecidos. Não há discordância entre os autores da área de infectologia de que a otite média é mais freqüente nos meses de inverno, porém nosso estudo comparativo revelou uma diferença estatisticamente insignificante em relação as condições patológicas de orelha média das 19 crianças avaliadas durante os meses de verão e inverno, que passou de 65% a 54%, respectivamente. Considerando-se tais resultados pode-se pensar que as orientações e os encaminhamentos realizados para conduta otorrinolaringológica do primeiro estudo corroboraram para diminuir a incidência de otite média nos meses de inverno.

e-mail: jakmello@bol.com.br ; carla@cesumar.br